

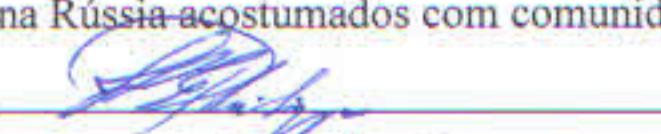
ENTREVISTA REALIZADA COM O SENHOR HEINZ EGON PHILIPPSEN EM
05/08/2012

RG: 1.181.167.

CPF: 306.081.63953

Local: Museu da Colônia Witmarsum.

Quando chegaram em Santa Catarina 1930, aquelas famílias vieram de campos planos da Rússia das estepes, onde plantavam trigo. O frio era intenso, foram colocados numa região totalmente inóspita para eles sem conhecimento nenhum, era mata serrada. A serra lá de Santa Catarina, tinha árvores milenares que teriam de ser derrubadas para pelo menos poderem construir suas casas, cabanas. No início tem até fotos das primeiras construções, e começaram praticamente do zero sem até grandes perspectivas do que fazer. Então tiveram que aprender com os bugres (o pessoal já de Santa Catarina), o que eles estavam fazendo, o que eles estavam plantando. Tiveram que aprender. Não conheciam mandioca, plantação de milho, feijão nem pensar, toda alimentação mudou. Língua diferente, país diferente, mas saíram vivos, pois tinha muitos que ficaram para trás na Rússia que não tiveram essa chance. Através de muito trabalho naquelas matas em Santa Catarina até produzia alguma coisa, porque o mato você derrubando você tem matéria orgânica, as folhas que caem das árvores, mais para frente cinco a seis anos depois aquilo virou só areia não estava sendo reposto nem adubado. Na época nem tinha tanta questão de adubação, correção do solo como tem hoje. Daí a necessidade de subsistência levou com que as primeiras famílias começassem a migrar para a cidade. Em 1935 algumas moças já estavam trabalhando como domésticas em Curitiba, lá tinha bastante descendentes de alemães, eles falavam alemão, falavam russo, português mal e mal começando, mas com isso conseguiram a chance de subsistência. Aí duas moças foram para Curitiba duas irmãs, não demorou já estavam comentando lá com os pais "oh" Curitiba tá muito bom, dá para ir para Curitiba, assim começou um fluxo bastante grande de famílias vindo para Curitiba. Primeiro os pais, depois os parentes, os primos e assim foi indo. Então foi uma saída de Santa Catarina de famílias individuais às vezes até grupinhos de sete famílias. Das 250 que vieram no inicio começou a diminuir. E com isso dentro daquela comunidade que eles haviam montado conseguiram as terras através de uma colonizadora alemã, mas tinham que pagar as terras também. Eles conseguiram créditos começou a ficar lacunas. O pessoal saía e vendia para não menonitas, pessoas não do grupo e como estavam na Rússia acostumados com comunidades étnicas e religiosas isso começou a trazer um nó na



Entrevistado

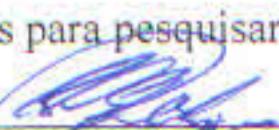
G.R.P. 5. HKaras
Responsáveis pela entrevista

cabeça. O que nós vamos fazer se o pessoal esta indo embora. Esse fluxo para Curitiba demorou pelo menos dez anos desde 1935 a 1945.

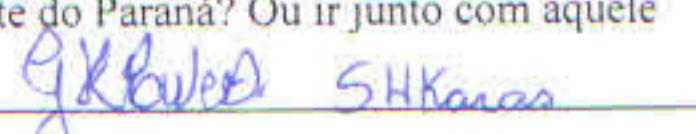
Além disso, eles começaram a ter algumas divergências entre si por causa da religião, da igreja, como administrar à cooperativa, a comunidade se é através de cooperativa ou AS.

E quando tem bastante líderes isso entre os menonitas é bastante forte começa a formar pequenos grupos. Com essa situação um tanto do pessoal em 1949, isso foram 86 famílias resolveram procurar terras melhores, para o plantio de trigo. Foram enviados delegados para o Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Norte do Paraná, foram ver várias possibilidades. Conversaram com o governo desses três estados para ver se tinham alguns projetos de colonização, em algum lugar que pudesse formar uma colônia, mas sair daquele mato lá de Santa Catarina daquelas serras, para ir para um lugar melhor, Rio Grande do Sul conseguiram alugar algumas terras e algumas fazenda. Começaram a arar com cavalos e tentaram plantar trigo e o negócio deu certo as terras lá eram bem mais férteis perto da divisa do Uruguai.

E com isso um grupo da igreja irmãos menonitas, é digamos assim, demandaram e mudaram para o Rio Grande do Sul em 1949, isso foi 19 anos depois de terem vindo para o Brasil. Com essa situação mais gente ainda saiu. Um tanto já tinha ido para Curitiba, mais ou menos um terço, 86 famílias para o Rio Grande do Sul e com isso as lacunas ficaram bem maiores. Ficou um terço mais ou menos para trás, esses que estavam lá tinham hospital, tinham escola, tinham pequenas indústrias, tinham a cooperativa, mas com a vinda de muitos grupos como: italianos, os alemães católicos, luteranos, povos diferentes eles começaram a fazer reuniões e conversar sobre isso e chegaram à conclusão: vamos dissolver isso aqui, vamos tentar comprar tudo que nós conseguirmos e compramos em algum lugar uma fazenda, uma terra onde a gente possa novamente estar entre nós, entre o grupo e sua própria igreja com seus dialetos, com seus filhos casando entre si, uma questão que aflorava bastante naquela época. Hoje isso já não tem tanto. Não que não tenha valor, mas é totalmente diferente estamos num mundo mais globalizado hoje do que naquela época. Como eles vinham desse contexto de comunidades étnicas religiosas isso tinha uma influência grande e então conseguiram resolver vender tudo e foi isso que foi feito. Começaram a enviar várias pessoas para pesquisar lugares. Onde encontrar no norte do Paraná? Ou ir junto com aquele



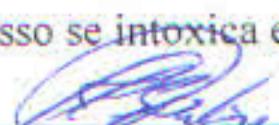
Entrevistado



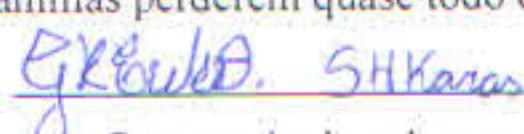
Responsáveis pela entrevista

pessoal que tinham ido para o lado do Sul. Mas como eles tinham divergências até religiosas com aquele grupo então preferiram vir mais para esse lado daqui. Entraram em contato com o pessoal que já estava em Curitiba, com o qual já havia muito parentesco. Surgiu em um jornal de Curitiba, um anúncio da venda da Fazenda Cancela.

Um senador lá de Curitiba o senhor Roberto Glasser com seus 75 anos era dono desta fazenda onde estamos hoje. Ele resolveu vender a fazenda então colocou o anúncio no jornal. Alguns menonitas lá de Curitiba viram isto e avisaram: Tem uma fazenda venham para cá dar uma olhada. E vieram de caminhão alguns senhores. Gostaram. Não tinha árvore para derrubar, já era um ótimo negócio, campos abertos, terra preta, parece aquela terra lá da Rússia, parecida, não é igual. Isso eles notaram depois, a terra da Rússia é muito fértil, muito gorda e é preta, bem escura ótima para o cultivo do trigo. Aqui o nosso solo é turvo, é residual de campos que estão apodrecendo. E ele não estava totalmente decomposto, é muito ácido. Então para trigo nem pensar. Mas eles acharam interessante, esses Campos Gerais, negociaram com o senador, conseguiram créditos junto com os menonitas dos EUA um grupo que tem lá. Esse grupo enviou alguns dólares para cá e conseguiram pagar a entrada. Foram vendendo o que tinham em Santa Catarina e foram dissolvendo com isso lá. Essa mudança começou com a compra em 1951. As primeiras famílias começaram a vir já no ano de 1951, moravam aqui dentro dessa casa onde nós estamos agora. Foram então fazendo essa transferência. Demorou em torno de quatro anos. Mais tarde algumas famílias que ficaram para trás também vieram em 1957, mas foi assim não num bloco só, mas numa transição. No inicio eles tinham um pouco de gado e umas construções. Tinha famílias que desmontavam suas casas, traziam as madeiras para montá-las aqui, claro que bem crua. No inicio, era bem complexa a vida aqui, mas eles tinham essa estrutura da fazenda, tinham os estábulos, essa casa principal onde é o museu e com isso já tinham um lugarzinho para pelo menos começar. E foram se organizando, vendo como iriam dividir as terras. Trouxeram o gado de Santa Catarina a pé, a cavalo tropeando. Meu pai foi um dos que trouxe três léguas de gado de lá para cá. Ele tinha vinte e cinco anos. Ele veio três vezes com gado atravessando Campo do Tenente e Porto Amazonas, regiões que os antigos tropeiros sempre faziam quando traziam o gado até aqui. O gado não estava acostumado com esse tipo de campo e aqui nesses campos nós temos uma planta tóxica chamada miu-miu, na técnica científicamente não sei o nome, mas é um capim tóxico e quando se queima o campo ele rebrota. É bem viçoso e o gado vai quando não conhece e come isso se intoxica e morre. Aconteceu de várias famílias perderem quase todo o gado que



Entrevistado



Responsáveis pela entrevista

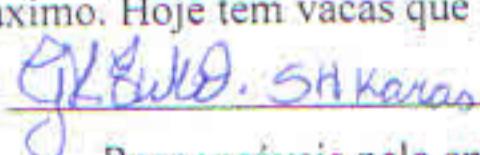
elas trouxeram, não tinham lá grande coisa, mas por intoxicação por não conhecer. Depois eles aprenderam a lidar com isso também. Teve esses percalços, primeiro trazer o gado de lá para cá já não produz muito, ai chega aqui algumas vacas morrem não sabe o que é. Naquela época tinha a aftosa hoje esta erradicada no Brasil. Talvez um ou outro foco de aftosa. O gado baba, os cascos começam a deteriorar, não conseguem andar, não consegue comer. O pessoal lida com essas coisas sem veterinários, sem conhecimento, foi bastantinho difícil, tiveram ajuda da prefeitura de Palmeira, para começar abrir as estradas não sei se Daniel Manssani, era prefeito, mas ele viu "opa" aqui esta vindo um pessoal, vamos ajudar. Como prefeito ele ajudou no que ele podia. No estado do Paraná na época tinha o café do Paraná, que hoje deve ser a central de abastecimento que tinha antigamente os armazéns como o IBC. Eles tinham tratores e colocavam a disposição aqui da colônia para arar áreas para começar a plantar pelo menos algumas coisas para a subsistência como o pasto, tentaram com o trigo, mas não deu certo, tentaram com o trigo saraceno que é um tipo de trigo preto um pouco diferente que o trigo normal, tentaram com a melancia que produzia bem. Algumas famílias começaram a plantar um pouco de melancia, alguns chegaram a levar caminhões de melancia para as cidades. Tentar vender, pois aqui na colônia não tinha consumidor. Então eles trabalhavam unidos e formaram uma cooperativa. Com alguns caminhões as melancias eram levadas para o Rio de Janeiro. Teve pessoas que venderam tanta melancia que conseguiram pagar as suas terras, pagar as dívidas dos financiamentos. Teve um senhor que conta até hoje, que dentro de um ano conseguiu comprar uma Kombi, isso é dinheiro. Então melancia valia.

Produzir o que nesses campos? Aí começaram com a atividade leiteira, leite sempre foi algo interessante para os menonitas, porque vieram de regiões muito frias e o leite tem gordura. Onde é frio como na Rússia ou mesmo nos países nórdicos onde viveram se não comer gordura você não consegue subsistir então a manteiga é algo assim.

Então já na Rússia eles tinham produção de leite pelo menos para o consumo caseiro. Todo lugar tinha vacas e quando vieram para o Brasil conseguiram por uma entidade da Holanda doação de dinheiro para comprar uma novilha cada família, e começaram com o leite lá em Santa Catarina. Quando viram que a agricultura aqui não era como lá na Rússia, as terras muito fracas começaram a pensar em criar gado, plantar pasto começando assim a atividade leiteira. Os menonitas no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Curitiba são produtores de leite até hoje. Na cidade da Lapa tem alguns grupos e aqui também. No início uma vaca produzia cerca de 5 a 6 litros de leite no máximo. Hoje tem vacas que produzem



Entrevistado



Responsáveis pela entrevista

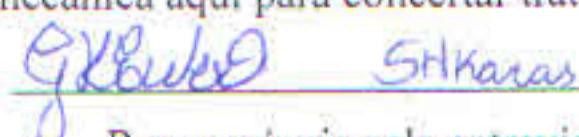
cerca de 70 litros. Em média tem vários produtores que tem acima de 30 litros média direta. É uma quantidade grande, só imaginar quantas crianças conseguem tomar o leite de uma vaca. É preciso aproximadamente umas 100 crianças para tomar o leite de uma vaca. Então vejam só a mudança que isso tudo trouxe. No início difícil moravam aqui nessa casa. Minha mãe ainda comenta com 19 anos onde que ela dormia aqui dentro, todas essas coisas históricas ficaram um tanto claro que cada um foi mudando para suas casas se instalando e com o tempo essa casa começou a ser pousada para técnicos, para agrônomos, para professores. Depois alojamento de funcionários para a cooperativa que começou a ser instalada um pouco mais forte nos barracões da fazenda que estavam aqui no pátio. Os estábulos do antigo senador e assim começou a aumentar. Depois a casa começou a ser usada se alguém tivesse um acidente, para hospital, para alojar um doente mordido de cobra, queimadura, qualquer coisinha, as senhoras para o parto eram trazidas para cá, pois daqui para a cidade ou para Curitiba era muito demorado. Na época era com caminhão, carroça, cavalo até Curitiba demorava de 4 a 5 horas, e como tinha no grupo um médico junto e morava bem central bem pertinho dessa casa ele atendia aqui dentro e isso se tornou de certa forma um hospital. Eu por exemplo nasci aqui dentro e quando vem os turistas aqui eu pergunto: Quem nasce no museu é o que? Eu já sou um pouco peça de museu.

Lembro que aos três anos de idade quando estava aqui, aconteceu um pequeno acidente com leite quente. Me queimei todo. Me trouxeram para cá. Minha mãe conta como que eu me queimei lá. Eu estava brincando com água e corri para dentro da casa e puxei o pano da mesa onde tinha uma panela com leite quente e derrubei por cima, isso não lembro, não consigo lembrar. Mas me trouxeram aqui para o hospital e eu tenho uma lembrança quando estava aqui num quartinho aqui atrás chorando veio aqui da cozinha a enfermeira, subiu a escada e me trouxe chocolate, isso eu lembro. Mas são coisas interessantes, a gente tem lembrança da casa, tem parece que algumas imagens fixas, dor essas coisas não, mas a chestener (enfermeira) me trazendo o chocolate isso ficou. Às vezes até comento com as crianças que vem aqui, como fico com vontade de comer chocolate aqui dentro. Então isso é um pouco da parte histórica, a parte das dificuldades.

Vieram também da Alemanha recursos mais tarde. No início a Alemanha estava por causa da Segunda Guerra Mundial um tanto destruída, mas mais para frente nos anos 60 eles começaram a enviar técnicos de vários setores: zootecnistas, técnicos agrícolas, pecuária e agricultura, mecânicos. Foi instalado uma oficina mecânica aqui para concertar tratores,



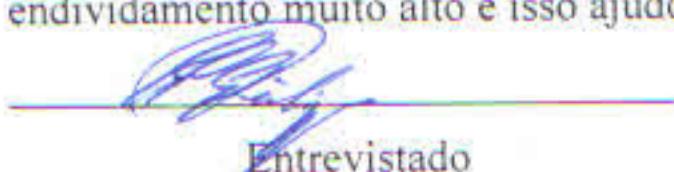
Entrevistado



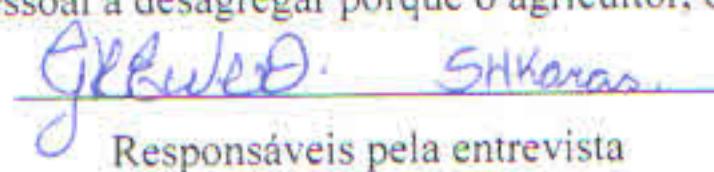
Responsáveis pela entrevista

pois nesses anos já começava a ter tratores. Com isso a parte genética do gado foi melhorando, a industrialização ração ao invés de tratar só com milho, começou a fazer misturas para ver o que precisa de proteína ver o que precisa de produtos para ração. Foi construída a primeira usina de leite nos anos 1961 e 1962. Nos anos 1970 foi construída outra indústria maior inclusive, foi inaugurada com o presidente Ernesto Geisel vindo para cá. A comunidade por ser organizada de certa forma por ter suas instituições ajudou bastante principalmente nas épocas difíceis. Nós temos já historicamente sempre assim uma coisa bem interessante quando é difícil quando as coisas vão difícil para todo mundo é fácil se unir, dá para trabalhar em conjunto. Quando está melhorando parece que cada um começa a ficar mais orgulhoso, começa a achar eu consigo sozinho. Isso é uma tendência muito forte e a gente percebe isso hoje na colônia, esse desagregar. Nós temos uma fama de comunidade bem unida, mas não é bem assim. O pessoal é de descendência germânica e é bem teimosinho. Teimosos são os outros a gente não. Mas é interessante a comunidade está ai, teve suas épocas mais fáceis de crescimento rápido na área econômica em todas as áreas e alguns anos atrás ficou mais estática, mais estagnada. Vários fatores tiveram influência. Primeiro como ela cresceu rápido ela também foi atrás de financiamento, então veio o endividamento isso foi bastante forte estava fácil a aquisição de crédito comprar mais maquinários, comprar mais coisas foi assim um crescimento mais não com capital próprio tudo isso então levou ao endividamento.

Aconteceu que o Brasil estava numa fase de inflação muito grande quem tinha dívidas levava vantagens com isso, então as dívidas se corroíam só por causa da inflação eles contratavam ai um patamar de juros de correção e aquilo ia crescendo e em pouco tempo aquilo estava diluído. Com o Collor veio à estabilidade da moeda ficando praticamente estática, os juros continuaram altos, os impostos continuaram altos e estão até hoje e, além disso, foi aberto o mercado internacional. Começou a vir produtos do exterior e na agricultura principalmente subvencionados pelos outros países que foram quebrando as estruturas agrícolas e pecuárias. Nós temos vários fatos desses, por exemplo, a Batavo foi vendida para a Parmalat eles não conseguiram manter era uma estrutura bem mais forte do que a nossa. A Clac dos menonitas em Curitiba não conseguiu se manter hoje praticamente não existe mais. Mas na época nós juntamos com eles para ver se a gente tinha mais forças para bater contra isso. Não deu certo, arrendamos nossa indústria para a Frimesa e ficamos com um endividamento muito alto e isso ajudou bastante o pessoal a desagregar porque o agricultor, o



Entrevistado



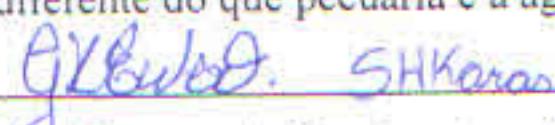
Responsáveis pela entrevista

produtor ele não conhece toda essa questão social e política que está acima da produção dele, os administradores conhecem, mas muitas vezes eles nem repassavam para o agricultor, então ele estava lá produzindo o seu leite não estava ganhando bem não sabia ao exato o por que.

Via o endividamento da cooperativa e começou a acusar os diretores, às vezes eles poderiam até ter razão de reclamar. Eles deveriam ter tido uma bola de cristal e visto que o negócio não iria dar certo com o endividamento. Mas quem é que tem bola de cristal? Não dá. Isso levou a desagregar mais ainda a comunidade e a própria cooperativa ela está nos últimos anos trabalhando para pagar aqueles endividamentos antigos só que isso já vem demorando uns 18 anos. É desgastante por isso que o crescimento da colônia ficou estagnado na área produtiva. A cooperativa, por exemplo, hoje tem 109 produtores de leite chegou a ter em torno de 500. Isso é uma mudança muito grande. Se você tem um endividamento e começa a sair produtores o endividamento ficou para aqueles que sobraram. Aqueles que ficaram fora tudo bem eu estou me virando não nada com a cooperativa, mas a carga ficou e fica para toda a comunidade queira ou não queira. É claro que alguns saíram da atividade do leite, foram para a agricultura acham-se independentes, mas numa comunidade não tem como ser totalmente separada do resto tem uma influência queira ou não queira. E alguns anos atrás várias pessoas que não estavam na atividade pecuária ou agrícola até por questões de endividamento ou por questões profissionais começaram a ver uma atividade bem interessante que era a área de turismo. Hoje nós estamos muito bem localizados como desde o inicio a procura é muito grande a gente nota isso. Em 1989, foi feito o tombamento desta casa que passou a ser o museu. No início o museu estava parado estático e não tinha quase visitas. Desde 2007 para frente à gente começou a contar mais a história dos menonitas aqui dentro da própria casa. As pessoas de fora chegam e querem saber o que é Witmarsum? Dá onde que vem este nome? O que é menonita? Qual a diferença de menonita para católico, para luterano, para batista? O que é esse negócio que você chama? De onde que é esse povo, são holandeses, são alemães. Ficou interessante contar essa história dentro do ambiente do museu e isso está trazendo um fluxo muito grande de turistas para o museu, além disso, nós temos uma gastronomia bastante rica e alguns conseguiram detectar isto. Trazer visitantes para comer aquilo que nós comemos bastante doces, bastante tortas, bastantes confeitarias foram montadas, algumas pousadas foram montadas várias atividades. O Bauernhaus conseguiu achar um nicho com as escolas, muito interessante, era uma granja de frango que foi remodelada e está funcionando. Criou uma atividade diferente do que pecuária e a agricultura



Entrevistado

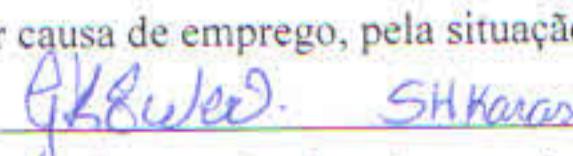


Responsáveis pela entrevista

não quer dizer que o pessoal fica abaixando a cabeça e não fazendo nada, procuram alternativas. Isto é um forte dos menonitas também. Se não conseguem em grupo, individualmente alguma coisa conseguem fazer, se não der para fazer aqui vende e muda para outro lugar. Com isso também não fica só dependendo do local. Nós temos um grupo de produtores que saíram daqui venderam suas áreas e foram para a Bahia, hoje tem um amigo meu que tem 42.000 hectares nós temos ao todo todos juntos 15.000 hectares, ele sozinho tem 42.000 imagina ele começou aqui, se quebrou aqui, vendeu o que tinha aqui, comprou uma fazenda em Ponta Grossa, depois em Goiás e hoje está na Bahia com uma extensão muito grande. Outros têm pouco menos uns 10.000 hectares, outros 15.000 hectares e assim por diante. Muitos saíram para outras atividades. Os nossos jovens tiveram a oportunidade de estudar aqui na nossa escola e isso teve uma influência na vida deles porque nos falamos alemão. Alemão para nós hoje não é uma questão só cultural é também uma ferramenta de trabalho uma língua a mais num país igual ao nosso tem valor, no mundo isso tem valor e com isso os jovens que não viam a possibilidade de ficar com os pais nas chácaras foram indo trabalhar. Primeiro estudar fazer a faculdade fora conseguiram estágios em empresas e hoje estão em muitas multinacionais viajando o mundo todo. Eu tenho filhos que estão em multinacionais uma na Eletrolux e outro na Vacari. Em São Paulo tenho irmãos que estão em multinacionais e assim vai. O pessoal não fica na colônia vai para fora. Mas com isso também aconteceram outras coisas, já que os jovens vão embora nós precisamos de mão de obra e a mão de obra no campo não precisa ser tão qualificada como em uma multinacional, falar alemão para as vacas tanto faz, para elas falar alemão ou falar mal em português não muda nada. Da para trazer gente que não tenha tanto conhecimento e isso que foi feito. A própria colônia ela foi mudando de sua situação de grupo étnico religioso mais fechado pela própria globalização abrindo para nosso povo como é aqui. Há uma mudança gradativa aumentando cada vez mais o elemento de fora para dentro da comunidade menonita, porque o menonita está saindo. Há uma mudança e nos últimos anos relativamente rápido. No inicio na área religiosa era uma igreja menonita como tinha vários membros de outra denominação menonita que são duas paralelas não demorou muito tempo já foi criada a segunda igreja menonita. Tinha duas para o pessoal de fora isso é um absurdo. Menonita não é tudo igual? Não, não é. No mundo tem mais de 30 ramificações diferentes, então são subramificações evangélicos todos, mas alguns detalhes diferentes e assim nós temos isso aqui também. Com essa vinda de outras pessoas ou por casamento, ou por causa de emprego, pela situação

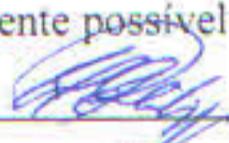


Entrevistado

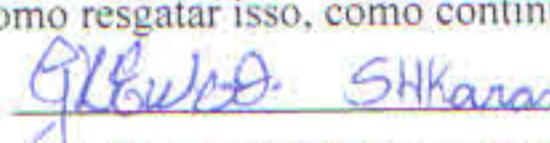


Responsáveis pela entrevista

começou a se trazer pessoas que não são menonitas óbvio nosso contexto brasileiro é assim. Hoje nós já temos uma igreja católica, uma capela, nós temos a luterana construindo o seu espaço. Tem duas ramificações luteranas dentro da colônia, tem a assembléia à igreja própria deles já. Tem um grupo da Deus é Amor que se agrega na escola esse espaço foi cedido para eles e nós não temos restrições contra eles em relação a isso, nós não somos discriminativos nesse sentido como um todo. Às vezes um ou outro foquinho pode questionar em todo lugar é assim, mas como comunidade menonita não, porque a ideia principal menonita sempre foi separar o estado da igreja e pregar a liberdade religiosa, você acredita naquilo que você quer você tem a liberdade, não pode ser imposto por um estado ou por um governo ou mesmo pela família a pessoa tem que chegar a conclusão do que ela quer acreditar e isso nós temos um dos princípios base. Como é que vamos restringir alguém vir aqui para a colônia. É algo que vai acontecendo naturalmente. Com isso a mudança cultural, a mudança na própria escola, anos atrás ainda tínhamos na escola aulas em alemão, hoje tem municipal, estadual e tem algumas aulas inseridas dentro do currículo, com isto existe a chance de aprender alemão, mas não é uma obrigação tão forte como no inicio. Nós temos nas igrejas nas duas menonitas cultos em alemão. Uma faz a metade da programação em alemão e a outra em português. Outra faz alemão pela manhã e a noite português. Mas existe a possibilidade de totalmente alemão. Se a gente pensar hoje em colônia Witmarsum nos teríamos que até resgatar um pouco mais o alemão não por causa de nós, mas por causa do turista. O turista quer vir para cá e ouvir a gente falar alemão. Tem escolas que trazem seus alunos que estão aprendendo alemão e querem fazer uma inserção de alemão aqui e nós podemos aproveitar isso como um nicho de mercado para trazer turistas inclusive de São Paulo para cá. Vão ficar uma semana nas pousadas vivendo aqui com a gente em alemão, comer em alemão, dormir em alemão, comprar em alemão é uma possibilidade interessante que nós estamos começando a pensar como é que nós vamos fazer porque não é falar de qualquer jeito alemão seria praticamente aulas teria que ter toda uma base pedagógica, todo um programa o que fazer primeiro, como é que começamos, como é que nós nos disciplinamos a continuar falando o alemão porque o nosso pensar ele já é em português nós falamos alemão temos raciocínio em duas linhas, mas o principal é o português. Nossa vida aqui no Brasil é em português. Notícias, comércio cálculos é em português para fazer esse tipo de aula nós precisaríamos nos disciplinar novamente possível é e pode ser bem interessante. Como resgatar isso, como continuar com a



Entrevistado



Responsáveis pela entrevista

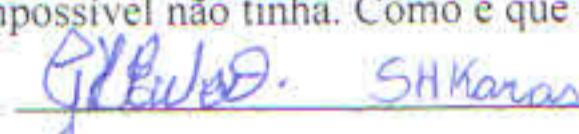
colônia Witmarsum sendo atrativa, porque se ela for igual ao resto do Brasil ela deixa de ser um tanto atrativa.

E essa é uma preocupação que nós somos obrigados a colocar, o que nós queremos fazer, nós queremos manter a colônia bonita com flores ou simplesmente deixe que vá como esta. É uma preocupação. Hoje isso esta sendo atrativa as pessoas chegam passam pelas estradas há os jardins com flores não tem cerca, não esta fechado deve ser seguro, seguro em parte, mas é um diferencial. Hoje vale à pena a gente olhar com os olhos dos turistas e não somente com os nossos olhos.

Em Santa Catarina os jovens começaram a casar com brasileiros, italianos começou a desandar era boteco sendo montado dentro da comunidade e o alemão tem uma tendência quando ele começa beber ele desanda para valer, ele não faz pouca coisa e isso estava acontecendo e essas preocupações nas comunidades da Rússia não tinha, isso eles tentaram viver conforme cristãos na Bíblia e levar isso bem a risca e quando se tem uma comunidade dessa e inseridos outros elementos começam a levar os teus jovens para uma outra linha impacta. Os pais, os líderes da comunidade ficaram o que nos vamos fazer, vamos ter que sair daqui eles já não eram mais maioria então essa preocupação que eles tinham lá é mais ou menos uma preocupação que eu estou colocando hoje de uma forma um pouco diferente. Se nós não cuidarmos do que nós fazemos com Witmarsum ela deixa de ser Witmarsum ela tem o nome tudo bem, mas ela deixa de ser até atrativa para o turista. Ai eles poderiam ir lá para Santa Felicidade, poderiam ir para qualquer outra comunidade se isso for mesclar demais nada contra as pessoas, mas é um contexto todo que dá uma mudança. Foi isso que estava acontecendo em Santa Catarina essa mudança toda. Na religião tinha uma influência eles estavam perdendo nas igrejas os seus jovens, eles estavam ao invés de ir no domingo pela manhã a igreja estavam indo jogar futebol. O meu pai jogava futebol, eu sei disso porque lá todo domingo pela manhã todas as comunidades em volta tinham campeonatos de futebol, ai vinha briga e assim acabava desandando de certa forma. Então uma das razões é que esta colônia ou esta fazenda ela era um tanto isolada e na época 30 km de Palmeira era muito longe hoje não é. A dificuldade de locomoção era outra não tinha estradas como hoje é estrada de chão. Era um isolamento de certa forma. A parte religiosa teve uma influência, mas a parte econômica talvez até mais, porque no meio daqueles morros, daquelas crateras dobradas, primeiro mecanização impossível não tinha. Como é que você vai



Entrevistado



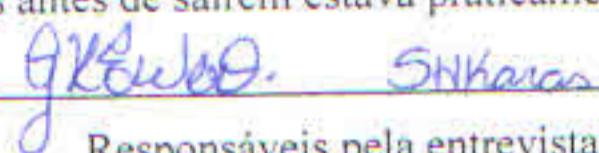
Responsáveis pela entrevista

colocar um trator naqueles morros tomba então era arado no meio dos tocos na madeira com cavalos. Na Rússia eles já tinham, quando aravam com cavalo era com seis ou sete coifas não era só aquele aradinho simples, colocavam uma leva de cavalos na frente para poder puxar e aravam muito.

Entre 1910 e 1911 já tinham tratores, melhor ainda terra plaina e aqui estavam no meio dos morros como é que iam continuar com a subsistência como progredir e aumentar se a terra estava ficando fraca, adubo na época não tinha como hoje, análise de solo, adubação, correção isso veio mais tarde. As razões foram religiosas uma parte sim, mas não só porque só a parte religiosa não teria conseguido tirar eles de lá se a parte econômica estivesse tão bem eles não teriam pensado só nos filhos. Foi um contexto todo, região bastante inóspita, bastante dobrada e a serra lá em Santa Catarina tem os riosinhos no meio e os morros para os lados não tinha espaço eles tinham áreas bem pequenas. Lá e aqui eram 78800 hectares, vieram 109 famílias no início e tinha muito campo para trabalhar. Foi um entusiasmo. Vamos começar uma nova comunidade e em pouco tempo fizeram isso aqui produzir. Quando chegaram aqui cultivaram melancia, arroz sequeiro, o arroz de campo, tentaram vários tipos de produção daí começaram a produção mais forte de gado leiteiro, gado de corte não. Tinha na época em que compraram a fazenda, gado de corte simples esse foi alguém da comunidade que adquiriu eles se eu não me engano um médico, mas meu pai foi um dos peões que cuidou desse gado e foram se desfazendo dele e indo para o gado leiteiro produção de leite. Um dos estábulos aqui no pátio da cooperativa foi instalado como usina de leite e começaram a fazer queijos, leite pasteurizar e levar para Curitiba. Todo dia iam para Curitiba no inicio sem identificação depois as garrafas com a marca Cancela tendo os distribuidores em Curitiba geralmente pegavam menonitas de Curitiba para fazer a distribuição. Havia parceria entre os grupos ainda mais quem estava em Curitiba ficava ainda mais fácil fazer a parte comercial. Foram razões diversas que levaram a saída de lá. Religiosa teve um impacto sim, mas a econômica provavelmente mais do que a religiosa. E como já estavam nessa situação eles tinham um pequeno hospital. O hospital foi desativado e vendido para uma família. Mais tarde lá em Santa Catarina aquela região se tornou município e chama-se Witmarsum como aqui. O hospital foi usado como sede da prefeitura e até hoje é a prefeitura do município de Witmarsum, o hospital construído pelos menonitas. Então não era tão pouca coisa a igreja que eles construiram em Santa Catarina em 1949 dois anos antes de saírem estava praticamente



Entrevistado



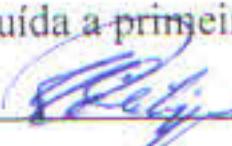
Responsáveis pela entrevista

nova e foi repassado para a comunidade luterana. Esta lá, em pé uma igreja bonita eu vi ela, eu estive lá.

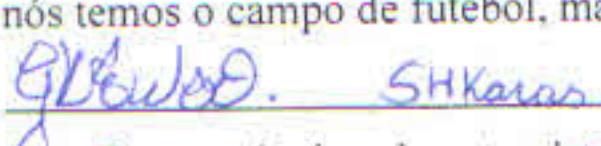
Tem casas de tijolos e de pedras que eles montaram estão em pé até hoje e algumas foram tombadas pelo município como patrimônio histórico e uma delas era de meu bisavô. Um dos meus bisavôs do lado materno montou uma olaria tinha uma pequena olaria. Na região ele comprou todo o equipamento e levou lá para uma região onde tinha barro para fazer tijolos e em pouco tempo eles saíram da situação inicial e começaram a montar indústrias. Primeiro serrarias para serrar aquelas árvores. No início levavam aquelas árvores para Presidente Getúlio isso dava 30 km de carroça e de cavalo levando toras de 2 a 3 metros toras bem grandes. Colocavam de quatro a seis, a oito cavalos em frente das toras era um perigo danado teve pessoas que morreram no meio daquela toras. A carroça não aguentava, as toras caiam e rolavam, teve coisas assim que aconteceram foi uma situação inicial difícil, mas em poucos anos estavam bem.

Então eles ficaram estagnados demorou muito tempo para haver desenvolvimento na região. Isso o pessoal de lá nos conta, eu não sou daquela época, eu nasci aqui, mas é interessante quando a gente ouve isso, a gente fica com um pouco de orgulho e às vezes com pena, porque os nossos antepassados foram migrando de um país para o outro. Levavam desenvolvimento e iam embora, isso é bem histórico. Quando era difícil a situação estavam bem unidos e conseguiam progredir rapidamente, ficavam tranquilos daí migravam novamente. É bem interessante eu estudo bastante história e a gente nota essas tendências. Nós somos de certa forma um povo colonizador, abertura de fronteiras e depois quando a situação fica bem opa e agora? Parece que a gente precisa de algo assim, iniciar. O próprio turismo é assim, precisa constantemente de alguma coisa para levar para frente, fazer trabalhar. Parece que há um vírus que empurra.

Tem um quadro aqui de como era a fazenda quando chegaram em 1951, mas o quadro foi pintado em 1953. Essa casa aqui é onde estamos esses barracões aqui foi instalado a escola, esse aqui foi um pouquinho usado também. Esse barracão maior foi usado como igreja e salão de festas, para reuniões, para assembleias. Lembro dele muito bem, de casamentos que foram realizados aqui. Esse barracão aqui inicialmente foi fechado essa parte aqui e feito a industrialização de leite e mais tarde se tornou escritório da cooperativa. Foi construída a primeira indústria aqui assim. Aqui hoje nós temos o campo de futebol, mas aqui



Entrevistado



Responsáveis pela entrevista

do lado direito dessa cerquinha aqui uma outra indústria foi montada. Então as coisas começaram a mudar. A escola foi construída mais tarde aqui.

Essa represa já existia o senador tinha construído para gerar energia elétrica. Hoje nós temos isso aqui. Heinz nos mostra outro quadro da colônia Witmarsum. Dá para ter uma idéia do pátio como ele está. Esses barracões que estavam aqui todos eles saíram. Esse maiorzinho aqui estava encostado aqui bem certo para entrar um caminhão aqui no meio. Toda essa faixa aqui eram barracões a aqui também. A casa aqui e a entrada da casa vinha por aqui e entrava aqui. Nós entramos pelo fundo da casa. Aqui as primeiras famílias que viam moravam aqui dentro da casa e daí iam construindo suas casas em blocos como eram invernadas. Então nós temos a invernada número 1 aqui em cima por isso que chama aldeia número 1, a invernada número 2 que vinha nessa estradinha de chão lá atrás onde passa o posto de combustível vai lá para o 2 ela vinha até aqui subia aqui para cima e saia lá em cima naquela curva onde tem aquela plantação de flores amarelas. Depois foi feita a estrada por baixo, ela vinha aqui assim atravessava daí subia para cima nesses barrancos nessa região lá para cima para daí sair lá em cima naquela esquina, a invernada número 3 lá para cima e a número 4 e a número 5 ficou como reserva para os jovens mais para frente. Interessante no inicio quando eles vieram começaram a pensar de fazer comunidades em blocos como era na Rússia. Na Rússia por causa do frio viviam principalmente no inverno bem juntos as casas uma do lado da outra, escola no meio, igreja, cemitério tudo e fizeram isso assim. Pegaram 100 metros de frente e 1 km de fundo, por isso que as áreas tem uma frente e uma faixa para trás então 10 hectares. Em 7 anos resolveram redividir isso para 45 até 50 hectares cada família. Então como já tinham construído eles tinham que adequar.



Entrevistado



Responsáveis pela entrevista

ENTREVISTA REALIZADA COM O SENHOR WILHELM KOOP EM 31 07 2012

RG: 115.855

CPF: 124.549.319-15

Local: Residência na Colônia Witmarsum

Nós viajamos de carroça de Santa Catarina das Serras do Guru, onze dias. A mãe, Davi, éramos oito pessoas numa carroça, viajamos onze dias, mas pra nós era festa. Meu pai comprou um cacho de banana grande, banana crescia a toa, mas ele comprou era festa. Chegamos no Portão, depois de onze dias. Sabe onde fica o Portão? O shopping Plaza, do outro lado a República Argentina lá ficava a Estação do Portão. Lá nós chegamos com a carroça, não com trem. Ai fomos até a Rua Pará, perto do Rio Água Verde, lá nós alugamos uma casa e meu pai comprou uma vaca a prazo eu lembro pagou "quatrocentos reais" preço hoje, era uma vaca vermelha.

Meus pais vieram da Rússia, da Ucrânia, eu também vim de lá eu tinha na época três anos. Esse era meu sogro e a primeira filha deles que virá ser a minha esposa depois (foto). Que nem isso aqui (mostra documentos) com isso aqui nós chegamos e fugimos, da Rússia. No museu tem (mostra um livro), a nossa primeira casa. Olha isso aqui foi em 1938, a escola (foto), aqui nós ficamos. Eu nasci na Rússia, meu pai nasceu em 1900, faleceu aqui no bairro do Boqueirão em Curitiba com oitenta e dois anos. Sábado passado veio dois rapazes da Rússia, um diretor das faculdades Fidélis, ele é muito amigo meu eles queriam falar com a pessoa que veio da Rússia e aí eu mostrei pra eles muita coisa. Se eu vejo as fotografias eu me lembro mais, eu estou com 85 anos e às vezes a cabeça não ajuda. Veja isso aqui é uma ata. É escrita em alemão gótico. Você conhece esse? Johan Wiben piloto do presidente Geisel meu cunhado. Ele se aposentou agora na base, trabalhou na Varig começou de pequeno. Nos últimos 15 anos ele viajava de Los Angeles pra Tóquio, e para os EUA, Nova York.

Aqui tem outra conhece esse (foto) sou eu na Suíça faz dois anos, olha aqui esse é em Alemão. Você pode levar esse livrinho eu tenho o original foi feito quando eu nasci em 1927. Propaganda, os meus pais ganharam esse livrinho em Mölln na Alemanha como propaganda do Brasil. Aí explica quinze dias ou vinte dias de viagem de navio até chegar ao Rio. Esse você pode levar. Aquele livro aquele comprido, meu pai escreveu para a irmã dele ela casou em 1915 na Rússia eu tenho até uma foto de casamento onde os noivos estão vestidos de preto, faz mais de 100 anos cento e poucos anos. Olha aqui, é o começo em Santa Catarina (foto) fizeram assembléia no mato porque na barraca estava cheio de crianças e

W.Koop

Entrevistado

W.Koop. Sthefan
Responsáveis pela entrevista

mulheres então fizeram uma clareira no campo. Você conhece o supermercado Jacomar (foto) esse é o pai dele, ele morreu afogado no rio. O dono do Jacomar tinha quatro ou cinco anos. Esse é o fundador da Klassetur, do ônibus. agora eu não me lembro mais quem eram todos. Essa é a Assembléia quando foi divididos os lotes em Santa Catarina. Esse também é em espanhol (folder) escrito De um navio que veio os imigrantes em 1930. Assim eu fazia as fotografias antigamente olhe contra a luz, antigamente eu fui fotógrafo, era meu hobby, é com chapas de vidro, a máquina está lá em baixo no museu, se eu mostro para os fotógrafos de hoje isso aqui eles me dizem que nunca viram uma coisa dessas.

Esse livrinho foi tirado cópias, a gente vê as escolas que tinha antigamente, o capricho. Esse aqui é meu pai (foto) quando era estudante na aldeia que nem na colônia de Orlof na escola de Halbstat quer dizer meia cidade meu pai era estudante em 1919. Isso aqui é uma foto triste die enrechtete que perderam o direito de votar os "cassados" tudo gente jovem eles não compactuavam com o comunismo então eles foram todos forçados a trabalhar sem direito de reclamar sem nada, isso é na Rússia. As fotos não são bem catalogadas eu preparei para sábado passado para os rapazes, depois você me falou que viria hoje aí eu deixei tudo aqui.

Você me conhece lá (foto) o deitado em baixo já faleceram todos, só eu estou vivo, você consegue ler aquilo lá? É a escola Stoltzplateao é o nome francês. Olhe isso é na Rússia cavalo (foto) isso ai são professores na Rússia das colônias na Alemanha que nem Witmarsum aqui foi tirada a cópia de muitos edifícios muitas casas trazido de lá porque devido ao longo período de inverno, geralmente seis ou sete meses tinha neve que nem você viu. Essa foto aqui foi em 15 de abril na Suíça tinha meio metro de neve, inclusive eu estava numa leiteria lá produzindo leite o gado se acostumava, mas tinha que ser tudo tratado dentro de galpões.

Agora é uma fotografia pra mim de grande valor mädchenkreis como se diz onde uma professora da aula para pequenos, de infância, a professora essa aqui (foto) está viva eu vi no Bibelzug nosso jornal. Ela fez 92 anos, e todos esses já faleceram o último foi a minha esposa com 80 anos fica uma coisa engraçada, a professora do jardim de infância está viva e essas meninas todas nós conhecíamos eu conhecia todas. Quer dizer que pra mim é uma foto de valor histórico é muito difícil isso, eu até vou deixar de lado. Sabe se eu vejo as fotografias eu me lembro. Olha isso aqui é uma fotografia na Rússia, como eu estive na Suíça em abril o gado estava entabulado, em junho a neve desaparece e cresce o capim, o pasto. Então eles

W. Koop

Entrevistado

G. Küsel. S. H. Karas

Responsáveis pela entrevista

tocam as vacas nas montanhas, onde tem capim sobrando tiram o leite lá e fazem o queijo. Fazem isso hoje na Suíça ainda, tem aquelas vacas com aqueles sinos no pescoço.

Isso na Rússia, na Samara, no Calcaso (foto) é uma igreja. Fui visitar os tiradores de leite, a comunidade que nem Witmarsum vão visitar Palmeira lá estão tirando leite nas montanhas quer dizer que é uma coisa totalmente diferente da nossa. Uma amiga de minha esposa escreveu lá atrás. Sabe eu tive uma escola que ninguém teve em 1978 a comunidade menonita do Boqueirão de Bajé de São Paulo e aqui de Witmarsum fizeram uma comissão para fazer os festejos de 50 anos e então me convidaram. Como eu era fotógrafo por isso, eu sempre participei, expus as fotos então eu trazia fotos assim esse sou eu em 1978 faça as contas dá 35 anos teu avô faleceu faz quantos anos, cinco anos eu me lembrei eu falei com ele perguntei pra ele sobre esse livro que o Klassem escreveu. Esse aqui é a última conferência das igrejas menonitas de Moscou, de dois pastores são todos pastores de igreja, dois vieram para o Brasil o resto foi para outros lugares, um foi pro Canadá. Outro que veio foi esse aqui sabe daquele Ingo Hubert que tinha aqui a cooperativa é avô dele, esse pessoal aqui atrás estão os nomes eu tirei os nomes de um livro inglês, da igreja de meu pai, por exemplo, vamos supor da aldeia dois meu pai era pastor tinha treze pastores, só ele conseguiu vir para o Brasil o resto foi deportado para a Sibéria, quer dizer que lá ou você colabora ou... e meu pai teve sorte, prenderam o pai dele o avô (fotografia).

Era um chapadão de 800 metros dona Ema, então lá não crescia nada era uma dificuldade as samambaias tomavam conta de tudo, aipim, milho. Já em Witmarsum, Santa Catarina era desunião interna, aquilo está escrito. Esse folheto de um maestro da faculdade de Campo Grande de Cuiabá que escreveu, ele fala que sentiu na própria carne o que aconteceu lá. Eu tirei essa foto é do moinho da Holanda, moinho de pedra como aquele moinho de vento e essa pedra é que moe o trigo estava funcionando quando nós estivemos lá.

Olha aqui o casamento de vestido de preto (foto).

Essa é minha esposa 1983. Assim fazia eu tinha treze filhos, dez nossos e eu peguei mais três de meu cunhado, ele bebia demais a esposa faleceu ela tinha oito irmãos e todos mandaram os filhos para nós. Nós os dividimos, mas o único que não veio foi o piloto, ele não veio. Deus deu força para nós, para mim eu fiquei emocionado hoje, dia das mães mencionaram quando a mãe sofre ela sente. E eu me lembrei dos dez filhos nossos que são esses aqui e mais os outros três. Isso aqui é juventude de Witmarsum, Santa Catarina veja o mato lá atrás. Estão aqui minha esposa com os seis netos em Canadá San Katid perto Niagaia

W. Koop

Entrevisitado

G. B. K. D. S. H. Karas

Responsáveis pela entrevista

Fals 1995 olhe nós fomos lá onde tem a neve eterna a divisão das águas, um morro bem comprido um lado vai pro Atlântico o outro vai pro Pacifico. É no Canadá, nunca derreteu não sabe a profundidade. Olhe eu falei a pouco dos netos esses (quatro) seis rapazes, são bem manhosos como que a gente vai dizer "vagabundinhos" o que eles aprontavam pro pai. Ele veio com os filhos eu não tinha licença para desembarcar lá e saiu mais de cem dólares então ele veio com o carro ate o campo de aviação eu tive de esperar duas horas e então ele veio de carro.

Esta foto aqui é em Santa Catarina. Onde nós moramos, teve certo 'chuncho', era para nós termos ido para uma terra onde diziam que era muito boa. Mas esse morro que eu mencionei anteriormente, o morro Dona Emma tinha 800 metros de altura. Não conseguiam vender. Nós éramos gente que não tinha nada, éramos igual sem terra, pior que sem terra, nem pátria, pois, nos nossos documentos estava escrito sem nacionalidade. E o que nós poderíamos fazer... Nós tivemos que ir para lá. O pessoal que morava lá em baixo em Dona Ema dizia. Mas não dá nada lá o que vocês querem lá em cima, mas tínhamos que ir. Éramos-nos mandado. Eu e minha namorada 1947 ficou eterna namorada mais fazer o que não é. Isso era na Rússia (foto) no inverno cortava o mato tudo com machado ou serrote. Motosserra naquela época não tinha. Você queria saber por que nós saímos de lá prá cá. Nós saímos por causa da Ucrânia muito ruim, tudo tinha que ser puxado para cima naquela época não tinha trator. Assim era em Santa Catarina em Witmarsum roda de água isso aí você pode levar (folhas de papel) são letras do alfabeto em alemão 500 anos a mudanças. eu ganhei do IH de Blumenau, lá nós saímos por causa da plantação, não ia, já Witmarsum Santa Catarina o caso começou o seguinte. Menon Simon onde 500 anos saiu da igreja católica lá tudo era município, estados pequenos, se alguém anexar mais um pedaço de terra, ficavam com raiva e queria fazer uma guerra, ele anuncia: eu preciso 500 soldados, mil soldados eu pago tanto. O pessoal ia lá não tinha o que fazer ganhava um dinheirinho e quando esse padre católico viu isso ele disse a bíblia diz não matarás e por isso, o principal motivo dele era não servir o militar.

Agora vou contar outro caso. O meu pai me contou isso em 1919 ele era estudante e já tinha em revolução na Rússia. Um grupo liderado por eles matavam tudo, mulheres, crianças, quando eles estavam na escola eles souberam que uma aldeia lá perto, vamos supor que nem nós na aldeia um e, por exemplo, colônia Quero Quero foi invadida pelos bandidos. Então arrumaram um cavalo e foram para lá, encontraram um

WTRsoo

Entrevistado

Eduardo. SKaras

Responsáveis pela entrevista

velhinho mais de 80 anos com serrote tinham cortado a cabeça, o miolo estava dentro do boné uma netinha, uma criança de sete ou oito anos arrancado com gancho o coração quando eles viram isso **eles** disseram. Se eles fizeram isso, então arrumaram as espingardas ficaram quietinhos.

Ainda hoje existem no Chaco paraguaio igrejas que condenam totalmente o serviço militar. Os menonitas não fizeram um acordo com o governo russo e em vez de ir pra guerra eles iam ser sanitaristas enfermeiros cuidar dos feridos no campo. Aqui tem diversas fotografias onde tem o vagão e a cruz vermelha, fogão com fogo que nem fogão a lenha porque o frio 30 a 40 graus abaixo de zero. Ainda existe discordância não desunião. A bíblia diz não matarás até diz se você ganhou uma palmada mostre o queixo pro outro, mas isso faltou em Santa Catarina, em 1940 -1945 quando começou a haver desunião aí deviam ter mostrado, não vamos brigar vamos procurar tentar perdoar um ao outro, tocar o barco para frente. É triste aquele episódio e muitos querem abafar. Esse senhor que escreveu, ele diz bem claro, por causa da religião Witmarsum Santa Catarina se desfez eu nunca morei lá só morei lá em cima daquele morro e eu digo se eu vejo hoje Santa Catarina ou Witmarsum se tivesse tido mais união hoje estava cheio de alemão lá, de Menonita, mas havia gente que não queria saber.

Hitler os tirou da Rússia. Hitler pagou o trem e mandou o embaixador dele tirar e dar o passaporte e o visto para todos nós. Ninguém acreditava que Hitler estava fazendo, eu também fiquei na dúvida que um alemão fizesse isso. Pessoas matar crianças se tivesse matado só judeu grande, que podia se defender era compreensível, mas não crianças, mulheres, grávidas. Isso é propaganda de judeu diziam. Uma casada com meu primo ele faleceu faz cinco anos e a esposa dele me disse que o velho queria que na cooperativa, invés de dizer bom dia se dissesse Hai Hitler eu ouvi falar isso eu não posso provar, mas ela está viva.

Eu me lembro que nós morávamos perto do quartel do bairro do Boqueirão e eu levava leite lá e vendia e aí tinha um sargento que cantava: Quem usa cabelo na testa e um bigodinho igual mosca é palhaço. Hitler usava cabelo na testa, é mais ou menos assim, isso em 1940, isso não esqueci.

Koop mostra uma foto e diz: Isso aqui são aldeias e colônias na Rússia vejam quanta gente tinha lá. Olhe isso aqui é uma foto que não diz nada, mas para nós é muito. Quando o pessoal saiu da Rússia todos se juntarão e agradeceram a Deus que tiraram **eles** do

W.Koop

Entrevistado

GKuklo- SHKaras

Responsáveis pela entrevista

inferno. Isso você olhando na foto assim ela não diz nada. Mostra outra foto e relata: Aqui uma aldeia inteira foi assassinada e daí houve um enterro de todas as pessoas. Pega outra foto e diz: Olhem esta foto. Como é bonito as crianças comendo melancia. Cultivaram também o aipim e muita coisa de Santa Catarina, mas lá a principal cultura era o aipim. Eles faziam fécula de mandioca, depois vendiam na pequena cooperativa. O pessoal trabalhava. Faziam estradas e a cooperativa pagava quem trabalhava nas estradas.

Olhem isso aqui é no Canadá depois da colheita de trigo, isso é em Vilipke. Lá o inverno é 40 graus abaixo de 0 grau. Eu tenho muitos parentes lá. Até estou com vontade de ir para lá este ano porque agora começa o verão e lá plantam muito trigo. Isso aqui são gansos, depois que colhiam o trigo sempre ficava algumas espigas no chão. Os gansos botam ovos têm lugares lá onde são reservados para os gansos. Eles botam os ovos e depois levam os filhotes para esses campos de trigo para ficarem fortes e gordos quando chega o inverno, são poucos dias antes para eles saírem para o sul. Daí vem aqui para a Argentina e para o Brasil.

Fui para a Alemanha visitar minha irmã e visitei um produtor de leite o qual me questionou: Mas eu estranho como você fala bem alemão, se você disse que nunca esteve aqui? Respondi que passei aqui quando tinha 10 anos. Mas então como você fala alemão? Na escola? Mas como? No trem, eu e minha esposa viajamos 15 dias e nós falávamos o nosso dialeto. E aí as perguntavam para nós: o que vocês estão falando, que língua é essa? Nós somos do Brasil, e eles indagavam do Brasil? Ninguém queria acreditar. Mas como vocês falam tão bem o alemão? Falei para eles o seguinte: Em casa nós falamos o dialeto, na escola e na igreja nós falamos alemão legítimo e na rua o português.

Meus pais sempre deram valor à língua alemã. A valorização da língua alemã veio com a religião. Nossos antepassados vieram de Danzig, região vizinha da Alemanha onde havia briga entre a Polônia e a Alemanha por causa da Suíça. Lá falam alemão, vieram da Holanda, lá falam alemão meio misturado. Meu pai disse que os antepassados dele por parte de pai vieram em 1819 do reino Austro-Húngaro. Vocês lembram-se daquele filme de Sissi a rainha, pois é lá que foi feito, de lá é que o antepassado do meu pai, o avô de meu pai em 1819 com carrinho de mão foi 5000 km até a Ucrânia. Esse pessoal já falava alemão de casa e continuam mantendo. Qualquer coisa para ler vinha na língua alemã. Nas escolas eles podiam ter liberdade, só uma coisa não podia, pegar a Bíblia para os russos muitos condenavam os pais terem aceitado isso. Naquela época eles queriam sobreviver, pois eram perseguidos e decapitados na Suíça. Eu até passei por aqueles rios na Suíça onde amarravam um saco com

W.K. e p.

Entrevistado

Glowd. SKaras
Responsáveis pela entrevista

pedras nas pessoas e jogavam no rio.

Assim nós mantemos sempre a língua alemã através de livros. O pessoal que morava na Alemanha escrevia em alemão, nossos pais respondiam em alemão, se eles respondiam em russo, eles não podiam ler. Então aquilo tudo se juntou com a religião. Para mandar um professor, bom sabiam o alemão. As igrejas da Alemanha financiavam a vinda, o intercâmbio.

Quando chegamos ao Brasil foi proibido falar a língua alemã. Eu estudei no colégio Bom Jesus e queria estudar Medicina. Para eu ir para a escola era a mesma coisa que passear, para mim era fácil. Eu estudei alemão, sempre, li muitos livros. Em um jornalzinho do Colégio Bom Jesus de 1942, diz o seguinte: Wilhelm Koop foi o que mais livros emprestou da biblioteca da escola, isso de 300 alunos. Eu gostava de ler.

W.Koop.

Entrevistado

GK&W.O. SHKaran.

Responsáveis pela entrevista

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes

Departamento de História

Coordenação de Trabalho de Conclusão de Curso

Do Regulamento de TCC do Curso de Licenciatura em História a Distância

RELATÓRIO MENSAL DE ATIVIDADES DE TCC

1- Informações referentes ao mês agosto à outubro/2012.

2- Nome

Orientando: GRASIELE KAPP EWERT e Samanta Hass Kornas

Orientador: Roberto Edgar Lamb

3- N.º de orientações marcadas 15

3- N.º de orientações realizadas: 15

N.º de faltas por parte do aluno: 0

CONSIDERAÇÕES

Ponta Grossa, 20 de outubro de 2012

Professor Orientador

ANEXO V

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

Do Regulamento de TCC do Curso de Licenciatura em História a Distância

DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO ÉTICO

Eu, GRASIELA KAPP EWERT,
RA 091021090389, RG 1981388-3, asseguro
que o Trabalho de Conclusão de Curso foi por mim elaborado e portanto,
responsabilizo-me pelo texto escrito que apresenta os resultados de minha
pesquisa científica.

Atesto que todo e qualquer texto, que não seja de minha autoria, transscrito em
sua íntegra ou parafraseado de outros documentos, estejam eles publicados
ou não, estão devidamente referenciados conforme reza a boa conduta ética, o
respeito aos direitos autorais e à propriedade intelectual.

Tenho conhecimento de que os textos transcritos na íntegra de outras fontes
devem apontar a autoria, o ano da obra, a página de onde foi extraído e ainda
apresentar a marcação de tal transcrição, conforme as regras da ABNT. No
caso de paráfrase, o trecho deve vir com a referência de autoria e ano da obra
utilizada.

Além disso, declaro ter sido informado pelos responsáveis do Curso de
Graduação em Licenciatura em História a Distância a respeito das leis que
regulam os direitos autorais e das penalidades a serem aplicadas em caso de
infração, conforme constam na Lei 10.695 de julho de 2003.

Sendo assim, declaro que estou ciente de que, caso infrinja as disposições
que constam na Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998, serei responsabilizado
juridicamente pelos meus atos e terei que arcar com qualquer prejuízo moral e
financeiro deles decorrentes.

Ponta Grossa, 20 de outubro de 2012.

Grasiele Kapp Ewert
Assinatura do Acadêmico

ANEXO V

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes

Departamento de História

Coordenação de Trabalho de Conclusão de Curso

Do Regulamento de TCC do Curso de Licenciatura em História a Distância

DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO ÉTICO

Eu, SAMANTA HASS KARAS

RA: 09102 1049389, RG: 8223510 f, asseguro que o Trabalho de Conclusão de Curso foi por mim elaborado e portanto, responsabilizo-me pelo texto escrito que apresenta os resultados de minha pesquisa científica.

Atesto que todo e qualquer texto, que não seja de minha autoria, transscrito em sua íntegra ou parafraseado de outros documentos, estejam eles publicados ou não, estão devidamente referenciados conforme reza a boa conduta ética, o respeito aos direitos autorais e à propriedade intelectual.

Tenho conhecimento de que os textos transcritos na íntegra de outras fontes devem apontar a autoria, o ano da obra, a página de onde foi extraído e ainda apresentar a marcação de tal transcrição, conforme as regras da ABNT. No caso de paráfrase, o trecho deve vir com a referência de autoria e ano da obra utilizada.

Além disso, declaro ter sido informado pelos responsáveis do Curso de Graduação em Licenciatura em História a Distância a respeito das leis que regulam os direitos autorais e das penalidades a serem aplicadas em caso de infração, conforme constam na Lei 10.695 de julho de 2003.

Sendo assim, declaro que estou ciente de que, caso infrinja as disposições que constam na Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998, serei responsabilizado juridicamente pelos meus atos e terei que arcar com qualquer prejuízo moral e financeiro deles decorrentes.

Ponta Grossa, 20 de outubro de 2012.

Samanta Hass Karas

Assinatura do Acadêmico